

Como observa a reitora da Academia de Paris, professora Michèle Gendreau-Massaloux, responsável pela execução da nova política universitária na França, "se o mundo do saber e o mundo das empresas não se falarem, não se entrosarem, o

resultado será um só — o aumento cada vez maior do desemprego, em razão de diplomas defasados, mal calibrados". Mas ela faz questão de assinalar, logo, que a colaboração da Sorbonne com as empresas se processa

"sem quebra da independência e da liberdade do espírito universitário". A política de "educação de guerra" recebe o apoio declarado de todas as correntes ideológicas da França. A Academia de Paris, que a executa, equivale, no

Brasil, a uma Secretaria de Estado. Todo o ensino primário, secundário e universitário da cidade de Paris está sob sua responsabilidade. Acima dela, na área, só existe o Ministério da Educação. Em seu gabinete

na Sorbonne, a reitora recebe o Caderno de Sábado para a entrevista falando português com o sotaque lisboeta, mas promete "salpicá-lo brevemente com as 'charmantes' e melodiosas inflexões do falar brasileiro"...

EDUCAÇÃO

Diante da crise duradoura que se instalou na economia, a Sorbonne deu desconto a seculares pruridos humanistas e adotou uma espécie de "educação de guerra": mais próxima do mundo das empresas, da produção e, portanto, melhor adaptação para responder às necessidades do mercado de trabalho.

Entrevista a

□ NAPOLEÃO SABOIA E CLAUDE TRAUTMANN

O que significa a Sorbonne, hoje, no sistema educativo francês? De início, um traço de união entre passado, presente e futuro. Um traço da memória — memória das universidades que tiveram papel fundador no advento das nações europeias. A Sorbonne, na Idade Média, não se encontrava apenas no coração de Paris, mas no coração da Europa. Foi a tradição de liberdade de pensamento que fez da Universidade o polo de desenvolvimento da democracia ao longo de todos esses séculos e, também, centro de resistência contra os governos que desejavam suprimir as liberdades e a autonomia das mesmas universidades. É toda uma história que faz com que a Universidade, ainda hoje, seja um lugar de pesquisa, de reflexão, e de formação, livre, independente, mesmo se a instituição mantém relações com o mundo da economia, das empresas. De qualquer forma, a Universidade francesa não depende da política das empresas.

A seu ver, num sistema educativo liberal, qual deve ser o lugar da empresa na formação secundária e universitária?

Se a educação e o mundo do trabalho, da produção, das profissões não se comunicam entre si, teremos então dois sistemas funcionando um isolado do outro e que acabarão produzindo uma só coisa — desempregados. Portanto, é preciso que os dois sistemas se falem, se escutem e procurem trabalhar em conjunto. É necessário e urgente o desenvolvimento, no ensino secundário e universitário, de diferentes tipos de formação profissional ou técnica, de formação tecnológica, sem prejuízo da formação cultural simultânea. Trata-se de manter o mais alto possível o nível geral de enfoque dos diversos saberes, das questões dos métodos científicos, aprendizado de línguas, a fim de dar a cada cidadão os meios de compreender seu tempo e contribuir nessa construção interminável — ainda bem — do mundo. Mas o que há de concreto e essencial em tudo isso é que a velha oposição entre o mundo da escola e o mundo da empresa está desaparecendo. Dentro dessa política de interação, decidimos aprofundar a vocação técnico-profissio-

Existe todo um campo de contato entre as empresas e as universidades.

As duas partes sabem que na cooperação se encontra a melhor forma de prefigurar o mundo do futuro.

nal e tecnológica de vários estabelecimentos parisienses do ciclo secundário, para transformá-los em verdadeiros pólos de introdução à vida ativa nesse ou naquele setor. Assim, temos, entre outros, os pólos da moda, do couro, da madeira, polo de material ótico, polo mecânico. Em suma, pólos que dão ao estudante uma formação de qualidade e referida às necessidades do mercado.

E a relação universidade/empresa?

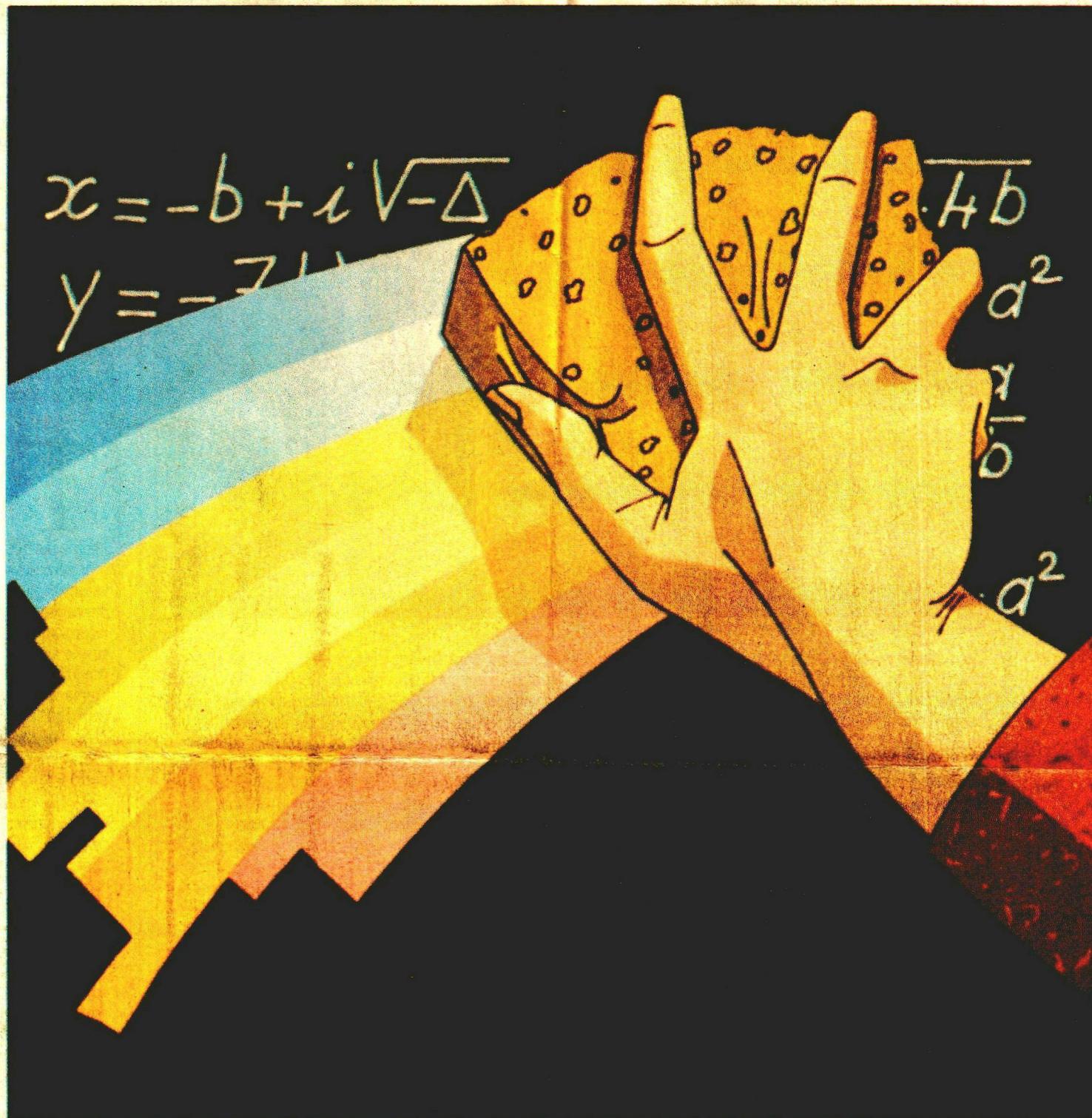
No âmbito das universidades de Paris, criamos o Comitê Educação/Economia para permitir que todos os grandes setores de atividade profissional tomem pé, se intiram no trabalho que as universidades realizam e estableçam com estas acordos de cooperação, relações de "parceria". Criamos igualmente um certo número de cursos especializados em matéria de finanças, direitos de seguro, informação e comunicação, legislação internacional comparada, sem falar dos institutos universitários profissionalizados que estão sendo instalados e que vão formar quadros na perspectiva do mercado europeu de amanhã. "Amanhã" aqui significa, sobretudo, curto e médio prazo. Em síntese, existe todo um campo de contato pessoal entre as empresas e as universidades, as duas partes sabem que na cooperação se encontra a melhor forma de se prefigurar a Europa e o mundo do futuro.

Qual é a participação financeira das empresas nos programas de cooperação?

É importante. O mundo do comércio e da indústria entra, às vezes, com mais de 50% do financiamento de certos cursos de formação. E tem mais: visto o caráter prático de tais cursos, muitos dos professores são profissionais das empresas com as quais a Universidade firmou contrato de colaboração. Posso assegurar, a universidade não perde sua liberdade nisso, não aliena sua independência de espírito por ter parte de suas atividades de formação financiada pelo mundo empresarial.

Num mundo que faz cada vez mais apelo à especialização, é ainda possível oferecer uma formação de cultura geral?

A SORBONNE VAI À FÁBRICA



A REITORA LIBERAL



Formada em literatura pela École Normale Supérieure e pela Sorbonne e, em ciências políticas pelo Institut d'Etudes Politiques de Paris, a Reitora da Academia de Paris, Michèle Gendreau-Massaloux, obteve o doutorado de Estado com uma tese sobre o humanismo. Suas idéias sobre o tema não mudaram no essencial, apenas perderam acentos retóricos e metafóricos ao contato das realidades, das experiências do cotidiano: "Nem a Sorbonne, do alto da magistratura moral que exerce sobre a vida cultural francesa nem nós, cá embaixo, seus discípulos, nos afastamos de nossas convicções humanistas. A questão, hoje, consiste em combinar a tradição de liberdade da Sorbonne com os imperativos de uma democracia liberal, que precisa de quadros competentes, capazes de destrinchar os mecanismos do mercado e de fazer frutificar a riqueza".

Não se pode conceber que um engenheiro eletrônico não saiba escrever, ignore os elementos essenciais de uma cultura humanística, não conheça línguas estrangeiras etc. Nos cursos de formação técnico-profissional que criamos, a exigência de cultura geral é muito elevada. É da vocação da Universidade francesa não transigir nesse ponto essencial.

Como tornar os cursos de formação técnico-profissional atraente, prestigiosos, já que os jovens tendem a considerá-los como sem valor social, incapazes de dar "status".

Eis o grande problema. Na França, como em outros países, os jovens, com frequência, alimentam o sentimento de que as carreiras técnicas são menos reconhecidas pela sociedade do que as carreiras ligadas à formação geral, à cultura humanística clásica. A responsabilidade por isso cabe em parte à sociedade e aos pais. Ora, os pais consideram, frequentemente, que não é bom que seus filhos se tornem engenheiros em produtica, robótica, informática. Mais vale ser médico, advogado. Esse problema de sociedade só será resolvido quando pais e filhos

descobrirem que as profissões técnicas são habitualmente bem diferentes da imagem que se lhes dá. Coloca-se aí a questão da valorização da imagem das profissões técnicas. É por isso que o sistema educativo francês decidiu colaborar também com as empresas na promoção da identidade das diversas profissões técnicas.

Como, concretamente?

A partir do primeiro ciclo do curso secundário, será adotado o dispositivo da alternância, pelo qual os estudantes irão descobrir o mundo das empresas através de estágios, sem prejuízo da escolaridade normal. Se os jovens descobrem cedo que trabalhar numa fábrica, numa empresa comercial ou industrial não tem nada de degradante, mas, ao contrário, é uma atividade edificante, estimável, nesse caso, teremos autênticas vocações para as profissões técnicas.

Os métodos pedagógicos não andariam tanto afetados pela atomização do conhecimento, atomização exacerbada pela mídia? Tudo isso

Principal referência, hoje, do "establishment" francês em matéria de educação, iniciou sua carreira já como professora da Sorbonne, de que se licenciou para ser conselheira especial do presidente Mitterrand para assuntos de educação. Depois, foi porta-voz e secretária-geral da Presidência da República. Em janeiro de 89, assumiu a direção da Academia de Paris.

Sua "educação de guerra" recebe o apoio declarado de todas as correntes ideológicas da França. Como observa a reitora, responsável pela execução dessa nova política universitária, "se o mundo do saber e o mundo das empresas não se falarem, não se entrosarem, o resultado será um só — o aumento cada vez maior do desemprego, em razão de diplomas defasados, mal calibrados". Mas faz questão de assinalar que a colaboração da Sorbonne com as empresas se processa "sem quebra da independência e liberdade do espírito universitário".

é, ao mesmo tempo, verdadeiro — e felizmente falso! Houve, de fato, o momento de grande fascínio pela televisão, que teve lá sua influência na "crise de dispersão" observada num certo número de jovens espíritos. Por isso, da renovação dos métodos pedagógicos ora em curso nos liceus consta um tempo de trabalho em pequenos grupos, sob a orientação de um "tutor", e que constitui um meio de o aluno aprofundar uma reflexão pessoal sobre esse ou aquele tema. Sou adepta declarada do trabalho pessoal, trabalho que não deixa o aluno se dispersar. Já temos um ensino demasiado rico em conteúdos esparsos, é preciso ajudar o estudante a por seus conhecimentos em perspectiva de maneira orgânica. Por outro lado, de que adianta ao estudante saber aquele detalhezinho de uma batalha da História da França se ele não sabe construir um discurso, uma exposição ou efetuar uma pesquisa bibliográfica?

E o "lado falso" da questão sobre a TV?

O lado falso é que, por causa dos abusos que cometeu, por suas mesmices cada vez mais flagran-

tes na Europa, nos Estados Unidos e, creio no Brasil, México e mundo afora, a televisão está perdendo sua clientela jovem. Na França, o fenômeno é visível. Hoje, numa residência francesa, à parte os meninos de 4, 5 anos de idade, ninguém tem mais esse encanto pela TV. A partir dos dez anos de idade, os garotos franceses que voltam da escola vão fazer os deveres de casa ou ler, em geral. Eles não se tornaram propriamente indiferentes à TV, porém, muito mais seletivos e exigentes.

E a novidade em matéria de formação de professores?

A novidade francesa na matéria são os institutos universitários criados há pouco com o objetivo específico de formar professores. Uma formação que não faz a menor concessão aos erráticos e exóticos exercícios de hiperpedagogia. Toda a ênfase éposta no conteúdo da formação, no saber a ser transmitido e nos métodos práticos e diretos para sua aplicação em diferentes circunstâncias da vida profissional e intelectual. Os futuros mestres dos ano 2.000 estão sendo, pois, tratados de maneira individualizada, a formação de professor ganha identidade própria no sistema educativo. Antes, a pessoa entrava no Magistério sem ter uma formação específica. O gosto, a vocação, o dom pessoal definiam tudo. Fui professora durante anos nesse esquema. Agora, as vocações serão melhor aproveitadas.

Mas há em toda parte muito desencanto, desafeição pela carreira de professor. Como reverter esse quadro?

Com respostas profissionais, valendo-se do estatuto dos professores, dando-lhes melhores condições de trabalho, melhores remunerações e oportunidades para que eles se reciclem, atualizem, aprofundem seus conhecimentos nas áreas que lhes interessem. Aqui na França, há muitas deficiências, reconheço, mas estamos empenhados na valorização dos professores e constatamos com alívio que a população comprehende o alcance da ação desenvolvida pelo Ministério da Educação. A prova disso está no crescente interesse dos jovens pelos institutos universitários de formação de professores.

De que adianta ao estudante conhecer aquele detalhezinho de uma batalha da História, se ele não sabe construir um discurso, expor um tema ou fazer uma pesquisa bibliográfica?

Há umas teorias por aí segundo as quais os jovens de hoje, nascidos na sociedade da abundância, não sabem nem desejam fazer força, só querem "cama e prato feitos"...

Convidado os autores dessas teorias a virem até aqui à Sorbonne ver como os jovens de hoje abordam com seriedade e ardor as diversas etapas do aprendizado. Trata-se de uma juventude extremamente preocupada com o futuro. Para a mocidade de hoje, à vista da competitividade e complexidade cada vez maior de nossas sociedades, a questão da qualificação se coloca de maneira muito mais aguda do que para os jovens de 68, por exemplo.

Afinal, qual é sua percepção do estudante francês dos anos 90? Em que ele se distingue de um colega da geração de 68?

O estudante francês dos anos 90 é muito mais consciente dos limites do real do que seu colega de 68. Ele sabe, com dados técnicos, das dificuldades econômicas com o que o mundo se defronta, conhece os mecanismos da organização do trabalho, como a máquina produtiva funciona e como se faz a redistribuição da riqueza. Concreto, pé no chão, o jovem/90 é sensível à crise internacional, à pobreza crescente do Terceiro Mundo — que pode produzir, entre outras consequências, aumento da imigração nos países industrializados — e se interessa pela consolidação dos regimes democráticos no mundo. Quanto ao destino pessoal, o estudante dos anos 90 quer ver rápido e claro nas suas possibilidades profissionais e procura cercar-se de uma certa segurança individual no bom sentido da expressão.

Como?

Eis todos os cuidados para se inserir mais cedo na vida profissional e constituir uma família. Eis aí uma das explicações para o aumento da taxa de natalidade atual na França. Já o estudante de 68 vivia a liberação sexual, o lar não estava no primeiro plano de suas preocupações. A pilula o fascinava mais do que a família, sem comparação.